

Perdoa!...

Célia Xavier Camargo
Jésus Gonçalves (Espírito)

Perdoa!...

10ª edição
Matão, SP
2018

CASA EDITORA
O CLARIM

Copyright © 1990 by
CASA EDITORA O CLARIM
Propriedade do Centro Espírita O Clarim

1ª edição: dezembro/1990
Impresso no formato 16x23 cm
10ª edição: julho/2018, 76.001 a 82.000 exemplares

ISBN 978-85-7357-174-5

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do *copyright*.

Casa Editora O Clarim
Rua Rui Barbosa, 1.070 – Centro – Caixa Postal 09
CEP 15990-903 – Matão-SP, Brasil
Telefone: (16) 3382-1066; WhatsApp: (16) 99270-6575
CNPJ: 52.313.780/0001-23; Inscrição Estadual: 441.002.767.116
www.oclarim.com.br | oclarim@oclarim.com.br
www.facebook.com/casaeditoraoclarim

Capa e projeto gráfico: Equipe O Clarim
Revisão: Teresa Cunha

Catálogo na Publicação (CIP)

C172p Camargo, Célia Xavier

Perdoa!... / Célia Xavier Camargo. – 10. ed. – Matão: Casa Editora O Clarim, 2018.

352p.; 23 cm

ISBN 978-85-7357-174-5

1. Espiritismo. 2. Romance mediúnico. I. Casa Editora O Clarim. II. Título.

CDD. 133.9

Sumário

7	••	Palavras do autor espiritual
9	••	Palavras da médium
11	••	I. Reencontro
15	••	II. Novos rumos
19	••	III. A grande cidade
23	••	IV. A prisioneira
27	••	V. Novo encontro
35	••	VI. Enfermidade providencial
41	••	VII. Misericórdia divina
47	••	VIII. Pacto sinistro
57	••	IX. Derrocada moral
63	••	X. Solenes exéquias
71	••	XI. Caem as máscaras
75	••	XII. Rumo ao desconhecido
81	••	XIII. Apuros de um morto
91	••	XIV. Um encontro singular
107	••	XV. O acampamento bizantino
117	••	XVI. A tomada de Ravena
127	••	XVII. O Imperador Justiniano
131	••	XVIII. Os noivos
135	••	XIX. Compromissos assumidos

145	••	XX. Mudança de planos
159	••	XXI. Bruno di Castilverde
167	••	XXII. Últimos preparativos
177	••	XXIII. As núpcias
181	••	XXIV. Sofrimento e morte
187	••	XXV. Nika
197	••	XXVI. Tamara
205	••	XXVII. Perdoa!..
213	••	XXVIII. A confissão
223	••	XXIX. Os ostrogodos em Ravena
235	••	XXX. Retorno de Belisário
241	••	XXXI. Novas esperanças
251	••	XXXII. Vencendo barreiras
257	••	XXXIII. Novos compromissos
263	••	XXXIV. O prisioneiro
271	••	XXXV. Denúncia
279	••	XXXVI. Novos planos
287	••	XXXVII. Na prisão
297	••	XXXVIII. As bodas
311	••	XXXIX. Colheita nefasta
321	••	XL. No plano espiritual
325	••	XLI. Novas tarefas
329	••	XLII. Duas décadas depois
339	••	XLIII. Novos rumos redentores

Palavras do autor espiritual

Paz em Jesus!

É sempre com grande emoção que relembramos fatos ocorridos no passado, os dramas por nós vivenciados e os erros cometidos.

Também é com gratidão que nos lembramos dos momentos em que iniciamos a nossa reabilitação frente à Justiça Divina.

Jesus, Nosso Mestre Todo Misericordioso, concedeu-me a permissão de algo relatar do meu pretérito de lutas e sofrimentos para que servisse de lição aos companheiros encarnados.

A intenção ao escrever a obra não foi relatar com fidelidade os fatos da História tal como se desenrolaram, mas apenas situar no tempo e no espaço o drama vivido pelos personagens e proporcionar, à luz da Doutrina Espírita, oportunidade aos leitores de aproveitarem as experiências e lições que possam ser extraídas do texto.

Alguns dos personagens estão com nomes fictícios, em nome da caridade que se deve ter para com todos, pois encontram-se presentemente encarnados e é possível que venham a ler a presente obra. E não é intenção nossa acordar em seus espíritos lembranças adormecidas indesejáveis, quão funestas.

Que o drama desenrolado, quase que totalmente tendo por palco a esplendorosa cidade de Ravena, possa calar fundo nos corações e que sintam a magnanimidade de Deus que, não obstante a enormidade das nossas faltas, nos faculta sempre meios de reparar os erros cometidos e retomar o caminho do bem.

Que o rancor, o ódio e a vingança possam ser extirpados do coração do Homem, cada um como terrível chaga cancerosa de difícil cura que é,

bem assim o orgulho, a vaidade e o egoísmo, que nos jogam nos resvaladouros da queda moral.

Que aprendamos a seguir os *caminhos do amor*, como Jesus nos ensinou, e nós, que fazemos parte da falange do Consolador Prometido, que acreditamos nos postulados da Doutrina Espírita, possamos seguir, sempre em frente, com o coração aberto e a mente elevada, conscientes de que nunca é tarde para recomeçar. Deus nos concederá sempre novas oportunidades.

O nosso agradecimento ao Mestre pela dádiva do trabalho que nos foi concedida, e que Deus nos abençoe os esforços no rumo do bem.

Do humilde servidor de todos.

Jésus Gonçalves

Rolândia, 6/12/1985.

Palavras da médium

Qual não foi minha surpresa quando, durante as lides psicográficas a que me entrego regularmente na sede da Sociedade Espírita Maria de Nazaré, em Rolândia (PR), percebi, nas primeiras linhas, que estava sendo ditada uma história. A princípio, julguei que fosse um conto, mas o relato do companheiro espiritual estendeu-se por quase 15 meses, num período entre os dias 23/2/1984 a 10/5/1985, ininterruptamente.

Depois de muito esforço e trabalho árduo chegamos ao final.

Durante todo esse tempo a influência amorosa dos mentores espirituais se fez presente, auxiliando-me, poderosamente, nos momentos difíceis. Trabalha... confia... espera...

Em meus ouvidos vibravam sempre essas palavras, que me fizeram prosseguir destemida, e que valem por todo um programa de vida; confiante, prossegui até o término da tarefa que Jesus me havia concedido.

O resultado aqui está.

O meu agradecimento aos Mensageiros de Jesus que me auxiliaram no recebimento da obra.

Ao amigo e companheiro Jésus Gonçalves, sob cuja assistência amorosa e vontade firme desenvolveu-se o trabalho, o meu agradecimento sincero e imorredouro pelas lições de vida que soube transmitir e pela paciência que teve para comigo frente às minhas muitas deficiências.

Ao Mestre dos Mestres a gratidão pela oportunidade de elevação e reajuste que me foi concedida através do trabalho redentor.

E aqueles que, porventura, vierem a folhear estas páginas, que as lições contidas no texto possam auxiliar de alguma forma, servindo de exemplo e meditação, e que sejam proveitosas as experiências aqui relatadas.

Espero ter captado o ambiente, o clima e a emoção que o autor espiritual procurou transmitir no desenrolar das cenas e que senti durante a psicografia.

As falhas que por acaso surgirem devem ser debitadas à falta de condição da médium em transmitir com fidelidade e clareza as ideias do autor espiritual.

Que Jesus possa nos abençoar a todos.

Célia Xavier Camargo

Rolândia, 6/12/1985.

CAPÍTULO I

Reencontro

Quero deixar aqui, para que sirva de exemplo e alerta, a minha experiência dolorosa de vida.

Nasci em ambiente fraterno e amigo. Tive pais que me rodearam de amor, tornando-me a existência uma bênção de paz.

Amigos generosos, do plano espiritual, auxiliavam de todas as maneiras, propiciando-me condições de renovação interior.

Não obstante, cercado de benditas oportunidades de elevação que a misericórdia de Deus me oferecia a todo instante, cedo comecei a mostrar minhas tendências para o mal.

Meus pais eram criaturas de índole boa e tementes a Deus, indo regularmente à igreja.

Desde a infância, demonstrei meu desagrado por qualquer tipo de disciplina, especialmente a espiritual. Não contente em fazer chacota de tudo o que meus genitores consideravam mais sagrado, que era a fé em Deus, enquanto iam à igreja rezar e pedir por mim, ficava pelos campos a maltratar avezinhas indefesas ou a brigar com os companheiros menores e mais fracos do que eu. Sentia estranho prazer em fazer sofrer, como se minha felicidade adviesse do sofrimento alheio.

Minha mãe, alma boa e generosa, percebia minhas más inclinações e sofria com isso. Advertia-me brandamente, talvez intuída por seres angélicos, mas suas meigas palavras não faziam pousada em meu coração.

O tempo foi passando. Cresci forte e robusto. A vida ao ar livre fazia-me muito bem, dando-me saúde e agilidade.

Os habitantes da nossa pequena aldeia não deixavam de admirar-me o porte atlético. De estatura elevada, possuía o rosto belo, cuja fisionomia acusava o caráter forte da minha personalidade. Os olhos eram claros,

encimados por sobrancelhas cerradas, dando-me um ar meio severo; os cabelos louros e encaracolados reluziam ao sol.

As jovens da aldeia demonstravam seu interesse por mim através de olhares dissimulados, de gestos e palavras, daquelas pequeninas coisas que não deixam dúvidas sobre as intenções de quem as emite, mas jamais me interessei por qualquer uma delas, considerando-as insípidas e não sentindo mais do que tédio em suas companhias.

Passava o tempo a adestrar-me em jogos e lutas e, dentre todos os jovens da aldeia, eu era o melhor, o mais forte, o mais admirado. Ninguém me vencia no lançamento de dardo, arremesso de flechas, na luta de espadas e no combate corpo a corpo.

Corria o ano 535 da Era Cristã.

Certo dia, em que me exercitava no passatempo favorito, que era a luta, junto de alguns companheiros tão desocupados quanto eu, ouvimos um tropel de cavalos. Logo assomou à entrada do vilarejo um bando de cavaleiros suados e cansados da viagem. Seus metais brilhavam ao sol forte da manhã.

Chegaram levantando nuvens de poeira e frearam os cavalos na praça onde nos encontrávamos. Eram uns 20 ao todo e reconheci o chefe pela luxuosa armadura e ar arrogante. Pediram água e apearam para descansar um pouco à sombra das árvores.

Alguém aprestou-se em trazer uma bilha de água e beberam com sofreguidão. Um deles pegou uma caneca e, enchendo-a com água fresca, levou-a a um cavaleiro que se encontrava sentado à sombra, separado dos demais e sem nenhum ânimo de se levantar.

Estranhando aquela atitude, comecei a observar melhor e só então me dei conta de que o cavaleiro era uma jovem disfarçada.

Ela tirou o chapéu, que lhe cobria quase que totalmente o rosto, e seus cabelos escuros se espalharam pelos ombros. Pegou a água que lhe era oferecida e bebeu-a avidamente. Ao estender as mãos para entregar a vasilha, ergueu os olhos e pude ver que eram claros e tristes. De si emanava um ar de dignidade e orgulho. Seus traços infantis eram belos e meigos; seus gestos elegantes traíam a posição social nobre, embora os trajes velhos e sujos.

Nada perguntei, mesmo porque o procedimento daqueles cavaleiros não encorajava conversação mais amigável. Percebi, porém, por suas atitudes, pela maneira com que era tratada, que era uma presa de guerra;

uma prisioneira. Mas quem seria ela? O que teria acontecido para que se encontrasse, agora, em posição de escrava?

As perguntas choviam em meu cérebro que fervilhava. Atração incomum nasceu em mim por aquela moça. Meu coração batia desordenadamente e desejei ardentemente acompanhá-los.

Em determinado momento percebi que o chefe observava-me a distância. Chamou um subordinado, homem de fisionomia grosseira e rude e deu-lhe uma ordem em voz baixa. Em seguida esse homem aproximou-se e disse-me que seu chefe e senhor destas terras desejava falar-me. Aproximei-me algo temeroso, visto que jamais falara a alguém tão importante, mas sentindo no íntimo um raio de esperança.

Disse-me que ao chegar vira-me lutar e lhe agradara o meu porte e habilidade. A perícia que demonstrara nos golpes era surpreendente, principalmente em alguém tão jovem. Não gostaria de engajar-me a seu serviço? Necessitava de soldados, homens corajosos e fortes. Voltava de uma campanha onde perdera muitas vidas e havia necessidade de suprir as lacunas existentes no contingente. Sem contar que poderia continuar me exercitando, visto ter a seu serviço excelentes treinadores e poderia dessa maneira me aprimorar nos jogos e lutas de meu interesse.

Aquilo ultrapassava tudo o que sonhara até então. Era o coroamento dos meus mais secretos desejos e aspirações. Naturalmente, aceitei *incontinenti* seu oferecimento, balbuciando alguns agradecimentos. Ficaria perto dela, afinal. Meu coração encheu-se de júbilo.

Ficou combinado que me reuniria a eles mais tarde, após resolver meus problemas mais imediatos. Deram-me a localização do ponto de parada para a pousada daquela noite, e aprestaram-se para a partida.

Tinham pressa. Os cavalos, descansados e refeitos, foram preparados rapidamente. Notei, com desagrado, quando o chefe aproximou-se da jovem procurando auxiliá-la a montar. Seus olhos se cruzaram e percebi, ao rejeitar o oferecimento, que nos dela havia revolta e ódio, e nos dele interesse indisfarçável.

O chefe afastou-se rindo da soberba atitude da prisioneira e senti pela primeira vez em minha vida uma dor aguda no peito; uma agulhada de ciúme a par de inesperada aversão por aquele que, doravante, seria meu chefe e senhor.

Partiram numa nuvem de poeira, deixando nossa pobre aldeia novamente entregue à sua morna tranquilidade.